

PREFÁCIO¹

FOREWORD

Luiz Guilherme Santos Neves*
(*In memoriam*)

Introdução à leveza é o título de uma das crônicas de Elizabeth Martins que fazem parte deste livro.

Quis, porém, a autora que da crônica assim chamada, o título se transpusesse ao conjunto da obra. E o batismo se fez senão com água do Jordão (que bem merecia o livro), com a cristalina água destilada pela sensibilidade da Autora, como sacramento que consagra.

Porque todas as crônicas postas aqui nas mãos do leitor são de introdução à leveza.

Introdução magistral.

Crônicas para serem lidas e simbolicamente sopradas para o alto, e de novo sopradas em repetição de assopros para que bailem um persistente bailado,

¹ NEVES, Luiz Guilherme Santos. Prefácio. In: MARTINS, Elizabeth. *Introdução à leveza*. Vitória: Formar, 2014. p. 7-8.

* Historiador, docente aposentado do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo e escritor, autor de *Queimados* (1977), *A nau decapitada* (1982), *As chamas na missa* (1986), *Torre do delírio* (1992), *Passeio pelo Centro de Vitória na companhia de Rubem Braga* (1992), *História de Barbagato* (1996), *Escrivão da frota* (1997), *Crônicas da insólita fortuna* (1998), *O templo e a força* (1999), *O capitão do fim* (2001), *Cidadilha – crônica inverossímil da cidade inexistente* (2008), *Memória das cinzas* (2009), entre outras obras literárias, historiográficas e didáticas.

balões cheios de sopro de vida a rodopiar no espírito do leitor num encantamento que relute em diluir-se.

Não estou dizendo novidade, pelo menos para Beth que sabe como poucos lidar com o misterioso incógnito do cotidiano, de que nos fala o poeta Mario Quintana. Como também sabe muito bem a razão pela qual deu ao livro o título que deu.

E se por si sabe das causas da boa escolha que fez, não as omite dos leitores. A crônica-título está aí para provar: “Ah! As tais coisas que nos aliviam o peso e nos acenam com sua leveza de pétala, de verde, de barulho de fonte deslizando nas pedras”.

Não se dando por satisfeita, arremata numa revelação intimista: “Assim, costumo olhar dentro e fora de mim cada detalhe que me desenhe no rosto um sorriso, me apague a ruga na testa, me conduza corpo e alma ao sutil encontro com a leveza”.

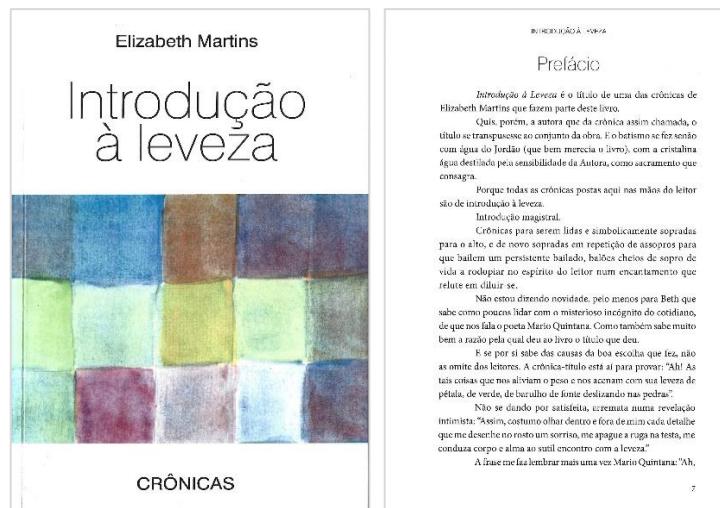
A frase me faz lembrar mais uma vez Mario Quintana: “Ah!, essas pequenas coisas, tão quotidianas, tão prosaicas, às vezes de que se compõe meticulosamente a tessitura de um poema”.

Não quero, porém, me cingir a realçar o modo peculiar com que Beth vê as coisas simples da vida para transformá-las em crônicas sem jaça. É preciso ir além dessa menção à captação do ver cotidiano. É preciso realçar também o *modo pelo qual Beth escreve*, sobre tudo o que apreende a sutileza do seu olhar sensível. Refiro-me à clareza e à precisão com que transfunde sentimentos e percepções em palavras.

Neste particular a autora é de uma economia verbal que chega a ser atordoante. Domina com mestria a medida justa do texto suficiente. Economia, diga-se logo, que não compromete a aventura da escrita, antes a engrandece e distingue como marca de um estilo personalíssimo.

Costumo dizer que as crônicas de Elizabeth Martins têm a virtude de caberem na palma da mão. E nas poucas vezes que excedem essa medida, vão até as veias do pulso, onde se medem as batidas do coração.

É dessa forma que Beth realiza o amanho da sua arte literária que prende o leitor na rede de Ariadne dos seus textos, dotados da leveza das plumas e da densidade das singelas emoções.



Capa de *Introdução à leveza* com página inicial do “Prefácio”, de Luiz Guilherme Santos Neves (*In memoriam*).